

D. PEDRO II, O IMPERADOR CINZENTO POR GILBERTO FREYRE: UMA ANÁLISE NARRATIVA

D. PEDRO II, THE GRAY EMPEROR BY GILBERTO FREYRE: A NARRATIVE ANALYSIS

Mauro Henrique Miranda de Alcântara¹

Endereço Profissional: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - Campus Cacoal -
Rodovia BR 364, Km 228, Lote 2A - Zona Rural, Cacoal - RO, 76960-970
E-mail: alcantara.mauro@gmail.com

Resumo: D. Pedro II foi objeto de uma conferência ministrada por Gilberto Freyre em 1925, comemorando o centenário do seu nascimento. 50 anos depois a conferência foi publicada como livro. O objetivo deste texto é analisar a narrativa desta obra, partindo do conceito de composição da intriga e identidade narrativa do Paul Ricoeur, e, também, buscando identificar a importância do acontecimento no resgate biográfico. Ao final conseguimos compreender como Freyre, a partir deste escrito, mais do que biografar o monarca, esclarece sua perspectiva sobre a história do Brasil.

Palavras-chave: Narrativas biográficas; Acontecimento; História do Império.

Abstract: D. Pedro II was the study object of a conference given by Gilberto Freyre in 1925, commemorating the centenary of his birth. 50 years later the conference was published as a book. The purpose of this text is to analyze the narrative of this work, starting from the concept of composing the intrigue and narrative identity of Paul Ricoeur, and also seeking to identify the importance of the event in the biographical rescue. In the end we were able to understand how Freyre, from this writing, more than biography the monarch, clarifies his perspective on the history of Brazil.

Keywords: Biographical narratives; Event; History of the Empire.

¹ Doutor em História. Professor do Instituto Federal de Rondônia

Memórias de D. Pedro II no século XX: uma breve contextualização

Em dezembro de 1925, em comemoração ao centenário de nascimento do segundo Imperador do Brasil, Gilberto Freyre realizou a conferência “Dom Pedro II: imperador cinzento de uma terra de sol tropical” na Biblioteca Pública do Recife. Cinquenta anos depois, o Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco publicou, em formato de livreto, essa conferência, celebrando na oportunidade o sesquicentenário de D. Pedro II. A primeira marca desta obra é a sua ministração e publicação em torno das solenidades de datas. Como afirma François Dosse, o acontecimento pode estar “ligado a uma forma de causalidade, seja como garantia de um desfecho, um resultado, seja como estabelecimento das condições de possibilidade de sua realização”². No caso, o fato de relembrar e celebrar tais datas, demonstra a intrínseca relação entre a vida do monarca e o resultado de um período, no caso, a materialização, a partir de festividades de uma relação de causa-consequência.

A recuperação da memória de D. Pedro II neste momento, dá-se pelo distanciamento do fim do regime monárquico, e, também, devido as mudanças vivenciadas pela sua imagem ao longo do século XX. Neste ponto, essa reassunção pode estar vinculada a uma “presença do ausente”, no qual há “a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal”, mas também, “a posição de um real anterior”³, nas palavras de Ricoeur. Essa presença na ausência, pode ser relacionada, também, ao que Fernando Catroga se refere como monumento, ou traço do passado, e a ressuscitação desse passado-ausente é possível através do “diálogo entre o presente e o passado”, o que, praticamente anula o distanciamento “entre o sujeito e o objeto”, numa prática de “*recordare com*, isto é, um *co-memorar*”⁴. E o acontecimento, para Dosse⁵, é um importante conector dessa memória-esquecida, para essa memória-celebrada,

A construção narrativa sobre D. Pedro II sofreu uma intensa mutação, ao final do seu Império. De um imperador sábio, mecenas das artes e ciência, enérgico, porém justo governante, D. Pedro II passou a ser um fantasma do que era antes. Suas qualidades viraram motivos de sátiras, ironias e piadas, para Schwarcz. Antes a principal voz do governo imperial, passou a ser um fantoche dos chefes de gabinetes que ele mesmo organizava⁶.

² DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 3.

³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

⁴ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 25-26.

⁵ DOSSE, François. *Op. Cit.*

⁶ SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O fim da monarquia, em 1889, e mesmo a morte do imperador em 1891, ao invés de arrefecer as representações sobre a vida de D. Pedro II, na realidade ajudaram a criar novas formas de vê-lo e representá-lo, e estas passaram a serem utilizadas para explicar mudanças pelas quais o país passou, ou até mesmo, como exemplaridade para políticos e cidadãos no regime republicano. Inicialmente, a política republicana buscou silenciar a figura do monarca na história do Brasil. No entanto, a atuação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, as dificuldades da estabilidade da República nos anos vinte, e, principalmente a chegada de Getúlio Vargas no poder⁷, colaboraram para a mudança da imagem de D. Pedro II⁸.

A historiadora Lúcia Maria Paschoal Guimarães argumenta que fora disseminada na década de 1920 a imagem de um “servidor honesto e patriótico” em D. Pedro II: “Na memória nacional, desatrelou-se a figura do soberano dos signos da realeza para convertê-lo em uma figura atemporal e apolítica – “o honesto e patriótico servidor do Brasil”. (...) E, paradoxalmente, tais representações seriam apropriadas e cristalizadas pela própria República, que o elegeu “governante exemplar, nacionalista virtuoso, cidadão incorruptível, defensor das liberdades, precursor da democracia nacional”⁹.

Arnelle Enders ainda apresenta uma mudança significativa da ressignificação do “herói” D. Pedro II no século XX. Em um primeiro momento, como o apontado por Lúcia Guimarães, o Imperador foi evocado como um importante “vulto” da nação, um agente político “modelo”. No entanto, ele era um entre os vários “vultos” que cortaram a história do Brasil. Juntava-se a ele nomes como José Bonifácio, D. Pedro I, Duque de Caxias, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, etc. Mas para Enders, com o governo Vargas, muda-se de figura explicativa. Da valorização dos grandes nomes, dos “vultos”, passa-se a valorizar os grandes estadistas, os chefes da nação:

⁷ ENDERS, Arnelle. *Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. A historiadora não problematiza quanto ao período do governo Vargas que a memória de D. Pedro II passou a ser, mais marcadamente recuperada e comemorada.

⁸ Lilia Moritz Schwarcz descreve como republicanos convictos, como Rui Barbosa, nos anos de 1920, rendem-se a figura de D. Pedro II, fazendo discursos de louvor ao ex-monarca. O ano de 1925 foi repleto de rememorações e comemorações sobre o personagem, devido ao centenário do seu nascimento. E uma polêmica, segundo a autora foi a tônica: “poderia a República festejar um herói por ela banido?”. Somente em 1939, durante a ditadura do Estado Novo, é que os corpos de D. Pedro II e da Imperatriz, ganharam um mausoléu, em Petrópolis: “eis que D. Pedro, pelas mãos de um presidente forte como Getúlio Vargas, volta como um rei popular, um herói nacional, que como tal não tem data, nem local, nem condição”. SCHWARZ, Lilia Moritz. *op. cit.* pp. 502-515.

⁹ GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Os funerais de d. Pedro II e o imaginário republicano. In: SOIHET, Rachel; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de; AZEVEDO, Cecília; GONTIJO, Rebeca. (Org.). *Mitos, projetos e práticas políticas. Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009. p. 82.

A intensificação dos rituais cívicos em torno das personalidades que dirigiam o Brasil – particularmente dom Pedro II – e o culto à figura de Getúlio Vargas assinalaram a transição da era dos grandes vultos para a dos chefes, rompendo assim com o período antecedente¹⁰.

A segunda metade do século XX também reserva um importante lugar para D. Pedro II. A comemoração do Sesquicentenário da Independência, em 1972, segundo Janaína Cordeiro, fez com que os militares que estavam no poder, conciliassem heróis antagônicos da História: Tiradentes e D. Pedro I foram os principais personagens comemorados, no período. Segundo a historiadora, isso favoreceria uma leitura da história, por parte dos detentores do poder, de evolução política nacional, a qual seria possível ver/ler/cultuar a partir dos grandes homens de sua história¹¹.

Neste primeiro momento D. Pedro II não fora alvo principal do regime ditatorial. A proximidade do sesquicentenário da independência com o do nascimento do segundo imperador, pode ter levado o governo ditatorial deixar as comemorações do monarca para o ano de 1975. Neste ano houvera diversas publicações de biografias sobre D. Pedro II por parte de órgãos oficiais: a Biblioteca do Exército patrocinou a reedição da obra escrita por Pedro Calmon “O Rei Filósofo” e o Instituto Nacional do Livro publicou a História de D. Pedro II, do mesmo autor. O texto que aqui analisamos, de autoria de Gilberto Freyre, foi publicado em formato de livro pelo Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco. Percebe-se que os órgãos oficiais apoiavam a comemoração desse evento histórico.

Lucas Santiago Rodrigues de Nicola, ao analisar a diferentes interpretações historiográficas sobre o Imperador D. Pedro II, argumenta sobre essa situação vivida entre o governo ditatorial e a publicação de obras sobre o D. Pedro II no ano em que o seu nascimento fazia 150 anos:

O que significava, em 1975, o exército patrocinar a publicação de uma biografia de d. Pedro II? Lembre-se que, três anos antes, os militares haviam restaurado na memória nacional a figura de d. Pedro I, trazendo, inclusive, os seus restos mortais para o Brasil. As relações entre o exército e o segundo imperador, contudo, sempre foram complicadas e ambíguas, marcada por aproximações e afastamentos; além disso, foram os militares que, não havia como negar, o derrubaram, através de um golpe. No contexto do regime militar, notadamente do governo Ernesto Geisel (1964-1968), publicar uma obra como a de Pedro Calmon não seria um sinal, por mínimo que seja, de que os militares queriam ser menos d. Pedro I e mais d. Pedro II? Desejavam, como já fizera Getúlio Vargas algumas décadas antes, cultuar a memória de

¹⁰ ENDERS, Arnelle. *op. cit.* pos. 38

¹¹ CORDEIRO, Janaina Martins. O país do presente comemora seu sesquicentenário: ditadura, consenso e comemorações no Brasil (1972). In: QUADRAT, Samantha Viz.; ROLLEMBERG, Denise. *História e memória das ditaduras do século XX*. vol. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. [E-book].

um governante moderado, conciliador, metido a sábio e ligado ao progresso e a moral, de um verdadeiro rei filósofo?¹² (DE NICOLA, 2014, p. 133).

É necessário maiores pesquisas para saber os usos da memória e das comemorações sobre D. Pedro II por parte do governo dos militares, mas uma instituição diretamente vinculada aos militares publicar uma obra, enaltecendo a imagem de “Rei Filósofo” de D. Pedro II, e o governo apoiar e financiar a publicação de outras obras, demonstra que a construção apolítica do segundo Imperador fora encampada neste momento histórico, bem como, utilizada por um projeto político. Podemos, contudo, ponderar, tomando por base a análise da Janaína Cordeiro, que a situação colocada pelos militares, talvez não fosse de querer enaltecer D. Pedro II em detrimento de D. Pedro I, já que este fora engradecido durante as comemorações do sesquicentenário da Independência. Na verdade, acreditamos que, pelos usos políticos do segundo monarca nas décadas anteriores da República, os militares não poderiam ignorar a importância histórica deste personagem. Afinal ele foi construído como exemplo de moralidade e de funcionário público.

Percebemos, portanto, que a figura de D. Pedro II foi constantemente recuperada, para usos do/no presente. A memória, neste caso, possui a característica elencada por Pierre Nora, que diz: a “memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” e ela se “enraíza no concreto, no espaço, no gesto na imagem e no objeto”¹³. Por isso estátuas, locais e imagens do imperador, nestes momentos de comemorações, foram inauguradas/reinauguradas, como uma forma de reviver esse passado-ausente, resgatar essa memória¹⁴. E, é, também, no plano narrativo que esse personagem revive, pelas mãos dos biógrafos que o construiu como a sinédoque de um tempo¹⁵.

A composição da intriga do texto biográfico

Para realizarmos a análise narrativa deste opúsculo de autoria de Gilberto Freyre, partimos da ideia defendida por Ricoeur de que “o sentido do texto não está por detrás do

¹² DE NICOLA, Lucas Santiago Rodrigues. Flores, algumas com espinhos, para o rei: controvérsias acerca de d. Pedro II (1920-104). 2014. 249f. Dissertação (Mestrado – Instituto de Estudos Brasileiros). Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 133

¹³ NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez. 1993. p. 9.

¹⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. *op. cit.*

¹⁵ ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda *As Intrigas do Imperador: uma análise de narrativas biográficas sobre D. Pedro II*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2019. Na tese de doutorado, a partir da análise de quatro biografias sobre D. Pedro II em diferentes tempos históricos, foi possível verificar que mesmo partindo de diferente pré-figurações, Barão do Rio Branco/Benjamin Mossé, Gilberto Freyre, Heitor Lyra e Pedro Calmon, construíram no personagem a representação de um tempo, o tempo do Segundo Reinado, e as virtudes do Império e do monarca se fundiam em uma simbiose. Para maiores informações ver o capítulo 5 da tese, D. Pedro II a Sinédoque de um tempo.

texto, mas à sua frente”¹⁶. Ou seja, analisamos o que está escrito na biografia, e não o que está por trás dos interesses e intencionalidades ocultas dos/as autores/as. Buscamos seguir o “movimento do sentido para referência: do que ele diz para aquilo de que fala”¹⁷. Para isso precisamos compreender que intriga, para o filósofo é uma narrativa que compõe “fatores tão heterogêneos como agentes, objetivos, meios, interações, circunstâncias, resultados inesperados etc.”¹⁸. Ou seja, para o filósofo a intriga é, inicialmente, uma construtora de sentidos. A partir de algumas ferramentas, ela propõe dar significado ao passado, que já não está, mas ainda existe, a partir dos vestígios. A intriga busca conectar o tempo passado no presente, e a conexão se dá por meio de construções frasais, concatenação de parágrafos, semânticas das palavras do texto etc.

A intriga possui duas dimensões: a dimensão episódica e a dimensão configurante, sendo a primeira cronológica e segunda não cronológica. A dimensão configurativa da intriga transforma os eventos (episódios) em narrativa. A narrativa parte da evidência, passando pela datação deste, e a partir disso, configura-se a explicação, dotando de sentido a referência.

Paul Ricoeur defende que o historiador realiza um ato de reconstrução daquilo que um dia foi “real”. Para ele a atividade do historiador é uma atividade de locotenência/representância, na qual este (re)constrói “um passado simultaneamente abolido e preservado em seus vestígios”¹⁹. Para que consiga ter o efeito de real, daquilo que foi, mas já não é, o historiador/a utiliza da escrita ficcional como conector desse passado no presente da narrativa. O filósofo acredita que “os efeitos de ficção, efeitos de revelação e de transformação são essencialmente efeitos de leitura. É através da leitura que a literatura retorna à vida”²⁰. Portanto, o efeito de ficção é a estrutura básica da configuração de uma intriga. É o agente do sentido do texto, o conector do passado no presente. Para perspectiva teórica de Ricoeur, nas narrativas históricas e literárias, há empréstimos que ambos tomam um do outro, para que busque, a partir dos seus objetivos, construir um efeito de realidade em seus escritos:

¹⁶ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1987, p. 99.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 114.

¹⁹ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c, v. 3, p. 172.

²⁰ *Idem*.

O problema passará a ser então o de mostrar como a refiguração do tempo pela história e pela ficção se concretiza por meio dos empréstimos que cada modo narrativo toma do outro. Esses empréstimos consistirão no fato de que a intencionalidade histórica só se dá incorporando à sua perspectiva os recursos de ficcionalização que remetem ao imaginário narrativo, ao passo que a intencionalidade da narrativa de ficção só produz seus efeitos de detecção e de transformação do agir e do padecer assumindo simetricamente os recursos de historicização que lhe oferecem as tentativas de reconstrução do passado efetivo. Dessas trocas íntimas entre historicização da narrativa de ficção e ficcionalização da narrativa histórica, nasce o chamado tempo humano, que nada mais é que o tempo narrado²¹.

Para Ricoeur, o tempo humano só pode ser detectado quando articulado de modo narrativo. A passagem pela linguagem é obrigatória para que possamos compreender o tempo. E a ficção, como vimos, permite que o escritor faça o leitor acender a um período que já não é, mas ainda permanece por meio dos vestígios. É o que o filósofo francês chama de imaginário narrativo. Para ele, a experiência temporal é diferente da experiência narrada, portanto, um ser somente pode acessar a experiência do outro a partir do ato narrado. Dessa maneira, entra-se em uma aporia na qual, de um lado, é impossível conhecer a experiência do passado, por outro lado, essa experiência possui sua representância por meio das narrativas. Os empréstimos da ficção à narrativa histórica permitem tecer a intriga tornando-a inteligível, para que a narrativa experienciada do passado possa ser compreendida no presente. A sucessão de documentos, por si só, não garante inteligibilidade àquilo que já foi. É preciso entrar, neste momento, com as ferramentas necessárias para que se garanta à narrativa sentido, ou o efeito de realidade, pois uma narrativa histórica: “deve ser mais que uma enumeração de eventos em ordem sucessiva, ela deve aferir um todo inteligível dos incidentes, de tal sorte que seja sempre possível perguntar qual é o ‘tema’ ou o ‘sujeito’ da história”²².

E é justamente essa leitura que buscamos nesta obra. Freyre teceu sua narrativa, a partir de certos referenciais e a partir de perguntas que buscou responder. Temos por objetivo interpretar essas respostas e, através delas, identificar como o sociólogo representou no seu presente a temporalidade vivida e vivenciada por D. Pedro II.

E, retornando em relação ao entrecruzamento entre a história e a ficção, o gênero biográfico se apresenta, para certos teóricos, em um formato híbrido entre história e

²¹ *Ibidem*, p. 173.

²² RICOEUR, Paul. *Entre tempo e narrativa: concordância/discordância*. Kreterion. Belo Horizonte, n. 125, jun. 2012, p. 303.

literatura²³. Com isso, tais colocações do Paul Ricoeur são adotadas como premissas sobre as estruturas narrativas biográficas e seus préstimos ficcionais.

Essa hibridez do gênero, pode ser vista desde a antiguidade, pois segundo a historiadora Sabina Loriga, essa forma narrativa ultrapassava os limites do relato histórico e verídico de uma vida, pois equilibrava-se “sempre entre verdade histórica e verdade literária”, não tendo a preocupação em construir uma narrativa que fosse lida como uma história, e sim como um texto narrado de um determinado personagem que fizera parte dela²⁴.

Para Leonor Arfuch, o objeto biográfico é uma miríade de tipos narrativos: “biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências” formatos clássicos e os contemporâneos, que disputam este mesmo espaço: “entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos históricos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes de *show – talk show, reality show*”. Cada vez mais, para Arfuch, há interesse e produção sobre a vida. E ela está voltada para um público heterogêneo e disperso²⁵.

Este cenário colabora em compreender a hibridez do gênero biográfico. Arfuch, inclusive, evita em definir um conceito para biografia, porém, utilizando dos escritos de Hans-Georg Gadamer, escreve que: “a unidade de sentido que é a vivência, se encontra numa relação imediata com o todo, com a totalidade da vida”²⁶. Podemos dizer, portanto que, é a construção da intriga que permite vivências da vida ser compreendida e *fazer sentido*.

Em vias de conclusão acerca das pertinências teóricas que tomaremos emprestadas de Ricoeur para ler e interpretar esta biografia, lembramos que para este a intriga é, em suma, a *síntese do heterogêneo*²⁷. Esta síntese objetiva, a partir de inovações semânticas, atualizar o passado para o presente narrativo. O filósofo busca nas premissas dos três estágios das mimeses de Aristóteles responder a (re)construções narrativas. Sendo a mimesis I a forma pré-concebida de um personagem/evento/tempo histórico, a mimesis II como a configuração desse personagem/evento/tempo histórico em narrativa (o por-em-

²³ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

²⁴ LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 18.

²⁵ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. pp. 15; 37.

²⁶ *idem*. p. 38.

²⁷ Este é um conceito de Ricoeur extremamente importante para nossa análise. Ele parte da perspectiva de que na narrativa, a “a inovação semântica consiste na invenção de uma intriga que, também ela, é uma obra de síntese: pela virtude da intriga, objetivos, causas, acasos são reunidos sob a unidade temporal de uma ação total e completa. É essa síntese do heterogêneo que aproxima a narrativa da metáfora. Em ambos os casos, algo novo – algo ainda não dito, algo inédito – surge na linguagem: aqui, a metáfora viva, isto é, uma nova pertinência da predicação, ali, uma intriga inventada, isto é, uma nova congruência no agenciamento dos incidentes. RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. p. 1-2.

intriga) e por fim, a mimesis III, na recepção por parte dos leitores tanto da forma pré-concebida, quanto a configuração narrativa desta forma pré-concebida. Apesar da importância e relevância de se perceber a recepção da narrativa pelo leitor e sua refiguração e ressignificação, todavia neste trabalho, nos atentamos especificamente em verificar como esta obra construía sua intriga a partir de uma forma pré-concebida do passado de D. Pedro II.

E amarrando a questão da intriga biográfica com a importância do acontecimento, principalmente nesta obra que analisamos, Dosse e Ricoeur mais uma vez nos auxilia a compreender essa relação. Para o primeiro, a “atenção pelo dizer, pelo relato, pelas impressões, induz à valorização dessa parte subjetiva, essa apreensão pessoal, individualizada do tempo”²⁸. Portanto, para Dosse, na biografia conseguimos visualizar de forma mais nítida a importância do acontecimento e a subjetivação da narrativa histórica. Citando Ricoeur, isso fica ainda mais claro: “ao entrar no movimento de uma narrativa em que estão conjugadas uma personagem e uma trama, o acontecimento perde sua neutralidade impessoal”²⁹. Freyre, como poderemos verificar mais adiante, acaba, ao mesmo tempo corroborando com essa tese, e, também refutando parte dela.

A professora Maria da Glória de Oliveira, explica a importância da narrativa para a compreensão da *unidade de uma vida*, no trecho a seguir:

Menos do que uma chave de solução instantânea, a mediação narrativa aprofunda o problema da identidade do sujeito, trazendo para o primeiro plano todas as suas implicações temporais. Isso porque, no contraste entre os dois usos do conceito de identidade (no sentido de *idem* e de *ipse*) – o que está em jogo é a possibilidade de uma vida ser apreendida como totalidade singular e, sobretudo, narrada como uma unidade. (...) sem o recurso à ficção e a despeito do caráter provisório e revisável de toda e qualquer configuração de enredo, não seria possível organizar retrospectivamente os acontecimentos sob o modo de uma “história de vida”³⁰.

²⁸ DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 7.

²⁹ RICOEUR, Paul. In: DOSSE, François. *op. cit.* p. 7.

³⁰ OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da Ilusão Biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi* (Rio J.). Rio de Janeiro-RJ, v. 18, n. 35, maio/ago. 2017. p. 441.

Finalizando, é na articulação entre o “enredo e o personagem”³¹ que temos o resultado de uma narrativa biográfica³² ou, para Ricoeur, a identidade narrativa.

O Imperador Cinzento por Gilberto Freyre

Logo no começo deste pequeno e rico texto, percebemos a pré-figuração da qual parte biógrafo para escrever sobre o personagem:

O ambiente, aliás, não *pede* outra atitude: nem o assunto *pedia* outro ambiente. O ambiente de uma biblioteca. A sombra dos livros. Entre os livros, mais que entre as casacas dos ministros e os decotes das viscondessas, *viveu* Dom Pedro II; e agora que ele é morto, e passa o centenário do dia em que *nasceu*, é justo que *falemos* de sua vida entre os livros que tanto *amou*. Entre os livros que *amou* demasiadamente. Entre os livros que no seu palácio *recebia*, como Pedro I às mulheres: antes dos grandes do Império³³. [grifos nossos].

De partida verificamos que o biógrafo apresenta sua perspectiva, a forma prefigurada da qual ele parte para falar/escrever sobre o Imperador. Antes de mais nada, para Freyre, D. Pedro II foi um “amante dos livros”, ávido por leituras e por conhecimento. A flexão verbal nesse primeiro trecho, nos dá um indicativo importante para a construção da intriga. Quando é o biógrafo falando, os verbos estão flexionados no presente (*pede e falemos*); todavia, quando ele descreve sobre o monarca, características deste, os verbos são flexionados para o passado (*pedia, viveu, nasceu, amou, amou e recebia*). Há uma questão muito clara, neste excerto: para Freyre D. Pedro II *é morto*. E a modulação verbal está no pretérito, indicando que nesta narrativa a vida do Imperador é um fato passado. Contudo, o biógrafo apresenta uma perspectiva que traz o protagonista para o presente:

³¹ Philippe Levillain, escreve que “a biografia é o lugar de excelência da pintura da condição humana em sua diversidade”. LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2003. p. 176. Giovanni Levi, seguindo a mesma tônica, diz que a biografia é o “campo ideal para verificar o caráter intersticial” da “liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições”. LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 180. Essas possibilidades e usos biográficos, de fato, são possíveis e importantes. Contudo, a construção e leitura da vida dos sujeitos históricos se dá no plano narrativo, e essa é a nossa principal preocupação e objeto do trabalho.

³² OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

³³ FREYRE, Gilberto. *Dom Pedro II: Imperador Cinzento de uma Terra de Sol Tropical*. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1975, p. 9.

Ora, Dom Pedro II *chega* até nós. Uma grande saudade o *faz* viver. Nunca em *torno* de um nome de rei *foram* mais fortes os gritos de “Le Roi est mort; vive le Roi” Gritos de saudade. Saudades não de um rei, mas para muitos, do Rei³⁴. [grifos nossos].

A modulação verbal e a semântica do fragmento demonstram a aproximação do personagem com o presente do narrador. *Chega, faz, torno* são verbos no presente; há somente um verbo no passado *foram*; mas as próprias palavras de Freyre apresentam uma tensão temporal: há saudades do Rei, se há saudades, é porque *já não está mais*. É um morto que vive; e tanto vive, que “chega até nós”. Não é possível, ainda, detectar qual a temporalidade dessa obra, o que ela projeta e qual a sua estratégia narrativa.

Nesta altura, podemos identificar alguns pontos: a escrita de Freyre é rebuscada. Ao lermos o primeiro excerto, parece que estamos dentro da biblioteca, junto do narrador; no mesmo instante, parece que viajamos no tempo, no passado, e vamos parar na biblioteca do Imperador. A estética do discurso do biógrafo deixa curioso o leitor/ouvinte. No segundo trecho, ele traz de volta o leitor para o presente; mas ele carrega, juntamente, o protagonista da narrativa.

Pela evocação da biblioteca como espaço do personagem, é possível compreender que para o biógrafo, D. Pedro II pode e deve ser relacionado com o mundo das artes e culturas. Essa é pré-figuração da qual parte para construir sua narrativa. Mas vamos adiante, deixemos Freyre falar:

Ele não *foi* nem santo, nem anjo, nem herói. A *queremos exaltá-lo* a alturas épicas, o *justo é* lhe *concedermos* a glória de mártir. A glória de mártir a esse pobre querido Dom Pedro que *dá* meninice não *recolheu* nenhum sabor; nem da mocidade, nenhum encanto, tão cedo se *abafaram* nele todas as alegrias de viver, primeiro sob as sombras da vida de príncipe e logo sob as dobras hieráticas do manto de imperador³⁵. [grifos nossos].

O biógrafo destaca, no trecho, a forma prefigurada da qual parte para escrever sobre a vida do personagem: para Freyre D. Pedro II fora um *mártir*. Por essa declaração, é possível limitar tanto a o preenchimento da intriga quanto da temporalidade. O *mártir* é aquele que tem uma vida dedicada a uma missão, a um sacrifício; sua vida foi uma profissão de fé; dessa maneira, ele olha para o protagonista através de um prisma temporal de *presente-passado*; como mártir, ele está presente, mas ele é passado³⁶.

³⁴ *Ibidem*, p. 9-10.

³⁵ *Ibidem*, p. 10.

³⁶ Em sua dissertação de mestrado, *Sacrifício, heroísmo e imortalidade: a arquitetura da construção da imagem do Presidente João Pessoa*, Genes Duarte Ribeiro fez uma ampla discussão sobre a morte que “ressuscita o cadáver” e constrói um *mártir* em João Pessoa. RIBEIRO, Genes Duarte. *Sacrifício, heroísmo e imortalidade: a arquitetura da construção da imagem do Presidente João Pessoa*. João Pessoa: UFPB, 2009, p. 4. Também, em um

A modulação verbal, inclusive, nos ajuda a perceber essa tônica temporal: há três verbos no passado (*foi, recolheu e abafaram*); dois verbos no presente (*justo e é*); e três verbos que estão no infinitivo pessoal (*querermos, exaltá-lo e concedermos*), mas que estão flexionados para o presente do narrador. A narrativa transita, portanto de ações do protagonista apresentadas no passado e as reações/perspectivas do narrador, que a devolve para o presente. A princípio, essa é a temporalidade que detectamos na narrativa.

O martírio do protagonista é relatado pelo biógrafo através de *inovações semânticas*, que constroem um sentido de sofrimento e renúncia da sua vida, para dedicar-se às suas funções de estadista: “Não *teve* a liberdade de menino quem não *teria* a de homem. Uma meninice sem gosto nenhum de meninice, a de Dom Pedro II. Abafada, tristonha, só. Regulamentada nas menores coisas”³⁷. Freyre apresenta neste excerto um retrato de D. Pedro II isolado, triste, sem ter vivenciado as alegrias da vida. A transitoriedade verbal, saindo do passado (*teve*) indo para um futuro do pretérito (*teria*), destaca essas características. Estas são preenchimentos do *mártir*, provas do seu sacrifício.

Nesta obra, não há uma marcação cronológica ou episódica; quase toda ela é narrada em torno dos preenchimentos configurativos; é uma biografia demasiadamente estética; o que traz luz e vida ao personagem biografado não são, em suma, os acontecimentos e eventos gloriosos do seu reinado, e sim, os adjetivos que são possíveis relacioná-los com sua trajetória. A peculiaridade narrativa deste texto é bem ilustrada no trecho seguinte:

Com a Maioridade *começou* para o Brasil uma época bem caracterizada nas suas tendências e virtudes. No seu cinzento. Espécie de era Vitoriana brasileira, com Dom Pedro *projetando* sobre a vida nacional uma sombra de governante inglesa fantasiada de imperador³⁸. [grifos nossos].

O biógrafo está narrando sobre o momento no qual D. Pedro II assume o governo do Império. Apesar de não ter uma cronologia exata, ao mencionar o momento no qual tal fato procedeu, após a Maioridade, ele destaca um norte episódico. Entretanto, essa menção é, tão somente, para destacar o início do protagonismo do monarca na cena política; a substancialidade do excerto está na qualidade que Freyre dá ao reinado do segundo Imperador: fora um reinado cinzento; ele dota, através de uma cor monocromática, o olhar sobre o período do reinado de D. Pedro II. Mas não para por aí: ele faz analogia desta experiência política com a monarquia inglesa; compara as ações governativas do Imperador

estudo de nossa autoria, dedicamos um capítulo para verificar tal importância da construção do *mártir*. ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda. *op. cit.*

³⁷ FREYRE, Gilberto. *op. cit.* p. 11.

³⁸ *Ibidem*, p. 12.

com a de uma “governante inglesa”; inclusive, compara o período do Segundo Reinado com a Era Vitoriana.

A *síntese do heterogêneo* para Freyre é justamente a coloração cinzenta que D. Pedro II dá ao seu Império: “uma época bem caracterizada nas suas tendências e virtudes. No seu cinzento”. É a partir dessa premissa que o biógrafo discorre sobre esse período; e, como mencionamos, o peso da estética nesta obra é maior do que dos acontecimentos, episódios ou atuação do protagonista. Como podemos perceber pelos últimos fragmentos que trouxemos, reduz-se a quantia de verbos, aumenta-se a quantia de adjetivos e advérbios. Neste último excerto, por exemplo, só há dois verbos: um no passado (*começou*) e um no gerúndio (*projetando*). Os verbos são marcadores temporais na obra; eles são proeminentes quando o biógrafo precisa demarcar o passado; nos momentos nos quais ele objetiva narrar sobre as características do período do biografado, tende-se a esvaír os verbos.

Freyre prossegue com sua narrativa, trazendo exemplos para demonstrar a influência e o “acinzentamento” do monarca:

Dizer-vos que o Segundo Reinado *foi* no Brasil, pela tirania moral de Pedro II e o seu lápis fatídico – que até ao um tanto boêmio Barão do Rio Branco *dificultou* a ascensão política – um período melancolicamente virtuoso, isto não hesito. Não *é* que a virtude não se *possa* aguçar em alegria artística. Mas a estética da virtude dificilmente a *conseguem* os governantes que se parecem às governantes; ou que *pretendem* tiranicamente acinzentar em calvinistas os povos que *governam*. E *é* o que *foi* Pedro II com sua “ditadura da moralidade”, com suas preocupações de *marcar* a lápis azul o estadista que *tinha* amante, o senador que *bebia*, o político que *jogava*. (...) A tirania moral tem o inconveniente de *dar* saudade dos próprios excessos do pecado³⁹. [grifos nossos].

Neste fragmento, podemos verificar que há uma equivalência entre as temporalidades dos verbos: *foi*, *dificultou*, *foi*, *tinha*, *bebia* e *jogava* estão no pretérito, enquanto, *é*, *possa*, *conseguem*, *pretendem*, *governam* e *é*, estão no presente. Ou seja, exatamente seis para cada uma das temporalidades verbais; com isso, reforça a característica temporal da narrativa, que havíamos mencionado: há uma transitoriedade entre *passado* e *presente*; quando descreve os atos/ações do personagem, os verbos estão no pretérito; quando traz as explicações e analogias de tais ações e suas consequências, os verbos vêm para o presente. É um narrador atuante na obra; ele não apenas narra, mas também, explicitamente, busca explicar.

E a perspectiva estética da obra é, mais nitidamente, demonstrada neste trecho. E, como observarmos anteriormente, a argumentação de Freyre é estética; identificamos essa

³⁹ *Ibidem*, p. 13.

estratégia narrativa: ele descreve que o *período foi melancolicamente virtuoso*; ele intercala um advérbio (*melancolicamente*) com um sujeito (*virtuoso*) para descrever o período; as duas palavras, se não são antagônicas, ao menos criam um sentido que reduz a qualidade do momento histórico descrito; afinal, foi um período com virtudes, contudo, melancólico. E, neste excerto, essa perspectiva de dar qualidade positiva, mas fazer reticências a ela, é repetida em diversas passagens: *tiranía moral, ditadura da moralidade, saudades dos próprios excessos do pecado*. O biógrafo apresenta que as adjetivações da personalidade e do caráter do monarca são contrapostas por excessos destas; há, portanto, certo paradoxo nestas argumentações de Freyre, todavia, ainda não podemos compreendê-los; mais à frente encontramos uma pista dessas premissas:

Ao Segundo Reinado, no Brasil, talvez *tenha faltado* essa sugestão não só de pecado como de virtude à meia-luz, que *torna* tão cara à imaginação popular uma figura de príncipe ou de grande homem. A imaginação brasileira cedo se *inteirou* de que a vida mais burguesamente insípida se *vivia* na sua Corte; e *desinteressou-se* dela. Pedro II *fez-nos* na verdade mergulhar no mais inestético dos puritanismos; *exagerou-se* na tirania moral para falhar na estética ou ritual do Poder – elemento tão caro ao sentido de beleza de um povo nascido sob o encanto da liturgia da missa; *criado* entre os esplendores de ouro e prata e os lampejos de roxo e de verde das missões dos padres da S. J.⁴⁰. [grifos nossos].

Neste excerto é possível discernir por que o excesso de moralidade do monarca não é, de fato, uma virtude para o biógrafo; para ele, o processo de “acinzentamento” que D. Pedro II impôs ao seu reinado e aos seus súditos contraria a plasticidade, diversidade e o colorido de um país tropical, acostumado aos “esplendores de ouro e prata e os lampejos de roxo e verde das missões dos padres da S. J.”; a “calvinização” desse povo contraria sua estética e moral católica dos trópicos, no prisma de Freyre; e, como ele descreve no trecho, a “imaginação brasileira cedo se inteirou de que a vida mais burguesamente insípida se vivia na Corte” e, pouco ou nada fez para que esse Imperador Cinzento mantivesse sua coroa; Há, para o autor da obra, um deslocamento entre a realidade do país e aquela com a qual o Imperador governava. Diante dessa descrição, identificamos, de forma limpa e direta, o quão o aspecto estético do reinado e da vida de D. Pedro II é importante para a narrativa desta obra; a estética explica a trajetória do protagonista, desde suas qualidades até suas contradições; ela elucida, até mesmo, as motivações para o fim “melancólico” da monarquia

⁴⁰ *Ibidem*, p. 14.

brasileira. Essa estratégia discursiva de Freyre reafirma e coloca em primeiro plano a configuração cenográfica da vida do biografado, em detrimento da configuração episódica.

A modulação temporal, novamente, auxilia a compreender a importância da plasticidade da narrativa; neste momento, Freyre se dedica a narrar sobre o que significou o reinado de D. Pedro II e a contradição com a realidade do país; só há um verbo no presente, *torna*; o verbo *tenha*, apesar de estar modulado no presente do subjuntivo, é procedido do verbo no particípio passado, *faltado*, o que o faz ser flexionado para o pretérito; os demais verbos estão no passado: *inteirou*, *desinteressou-se*, *fez-nos*, *exagerou-se* e mais um no particípio passado: *criado*. Neste instante ele está narrando sobre um momento que existiu, mas não existe mais; inclusive, ele busca apresentar porque esse passado não existe no presente.

A estética do monarca e do seu reinado, podemos dizer, é a *síntese do heterogêneo*, para Freyre; é nesta particularidade que ele convida os ouvintes e leitores a compreender o que foi a vida de D. Pedro II e o seu Império. Vimos, até o momento, como o monarca agiu em sua missão de governante; os elementos plásticos estão descritos com maestria pelo biógrafo, contudo, ele vai além:

No meio dos livros, Pedro II *perdera* de vista o Brasil: um Brasil que o *queria* não de cartola, mas de coroa; e marcial, paternal, litúrgico, em relevos de ação. Um Brasil que o *queria* mais para o ver de cetro, *reinando* e a cavalo, como um São Jorge de verdade, do que para lhe *ouvir* os discursos e as frases de censor moral, de Marco Aurélio medíocre, de literato de terceira ordem⁴¹. [grifos nossos].

A flexão verbal nos auxilia novamente, a identificar as estratégias narrativas do biógrafo; neste fragmento os verbos estão, em sua maioria, em um pretérito mais-que-perfeito: *perdera*, *queria* e *queria*. Há um verbo no infinitivo, *ouvir* e um no gerúndio, *reinando*. Freyre destaca, neste instante, como o povo gostaria de ter visto o seu soberano; demonstra como ele desfigurou-se como Imperador, ao adotar um traje aburguesado; o autor faz uma analogia ao imaginário cristão, de um rei cavaleiro, que, com sua vestimenta e seu garbo, demonstrava o seu poder; questiona a alcunha de rei filósofo; critica a intelectualidade do monarca. Agora ficam aclaradas as colocações paradoxais anteriores. A modulação dos verbos no passado, demonstra, ao mesmo tempo, um desejo que o biógrafo

⁴¹ *Ibidem*, p. 16.

busca evidenciar por parte dos contemporâneos do biografado, e, ao mesmo tempo, demonstra que é um tempo acabado, um passado, morto⁴².

E essa dicotomia entre o que foi e o que deveria ter sido é mais longamente descrita em um trecho à frente:

Pode-se com justiça desejar que Dom Pedro II tivesse sido um monarca, senão de vida mais movimentada, menos moral e filosoficamente preocupado; menos livresco; menos neto de Marco Aurélio; menos voltairiano; menos amigo e admirador de Victor Hugo; menos interessado em fingir que governava um povo livre, segundo o epigrama atribuído a Ferreira Vianna; menos sensível à opinião liberal e literária da Europa a seu respeito; e mais atento às realidades brasileiras; mais dentro do seu momento social e político; mais em dia com a vida de um povo de senhores, aderentes e escravos; mais desdenhoso da opinião europeia sobre as condições de um Brasil jovem, desigual, ainda nas primeiras provas tipográficas de sua formação, mais marcial: mais imperador para os olhos dos brasileiros do que para os ouvidos de Gladstone e Victor Hugo; mais litúrgico; mais sensível ao Exército que o desejava marcial, não para promover guerras e sim para assegurar a paz: mais neto de D. Carlota Joaquina, mais sobrinho de D. Miguel; mais leitor de Gama e Castro⁴³. [grifos nossos].

Nessa altura da obra é possível detectar que, para o biógrafo, o biografado não foi o governante ideal para o país; seu reinado, pelas palavras de Freyre, objetivava mais emergir valores europeus, muito distantes da realidade nacional, do que em governar um país escravista, repleto de desigualdade e nada ilustrado. Vemos quão o sentido estético dessa narrativa é sua marca: nas palavras de Freyre, há um contrassenso entre como governou D. Pedro II e como ele deveria ter governado; ele não traz para a obra exemplos ou acontecimentos para explicar tal contrassenso; é na plasticidade do protagonista que ele argumenta: ele deveria ter sido *menos* ilustrado e *mais* marcial; são estes dois advérbios que apresentam a tônica desse excerto; eles dão intensidade aos adjetivos, tornando-os positivos ou negativos na trajetória do monarca: *menos livresco, menos neto de Marco Aurélio; mais marcial, mais imperador para os olhos dos brasileiros do que para os ouvidos de Gladstone e Victor Hugo*. D. Pedro II deveria ter sido mais rústico, menos sofisticado; mais colonial, menos burguês. É nessa antinômica relação que Freyre descreve o Imperador. Diante deste cenário, compreendemos que ele estava mais interessado em construir uma narrativa do que *deveria ter sido*, do que exaltar o *que foi*. É, para ele, um período melancólico, como

⁴² DUBY, Georges. *O Cavaleiro, a Mulher e o Padre*. Lisboa: Dom Quixote, 1988; BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 459-582.

⁴³ FREYRE, Gilberto. *op. cit.* p. 16-17.

denunciou no começo da obra, não e tão somente pela solidão, isolamento e tristeza que abateu a formação de D. Pedro II, é melancólico porque, foi *menos brasileiro e mais europeu*.

Há poucos verbos no fragmento e, entre eles, há uma quantia considerável no particípio passado: *sido*, *preocupado* e *interessado*; outros três verbos estão no pretérito: *tivesse*, *governava* e *desejava*; *pode* e *atento*, estão no presente; essa modulação temporal, flexionada para o passado, e com os verbos no particípio passado, demonstra um momento encerrado, que *já não existe mais*. Isso faz com que possamos compreender que o objetivo dessa comunicação/obra de Freyre é relatar algo passado, morto; por outro lado, lamentar o que foi e perscrutar sobre o que *poderia* e *deveria* ter sido. Não há, para o biógrafo, um legado que precise ser guardado, ressaltado, admirado ou *estar* no presente, no seu presente. Apesar de um período importante, ele não representou a *realidade* do país.

Para Freyre, D. Pedro II poderia/deveria ter se atentado a história do país, as suas tradições e cultura:

E, entretanto, naquela nobreza de rústicos, um Imperador paternalista *poderia* ter aproveitado numa grande força brasileira com qualidades para *desenvolver-se* em elite. Elite de transição do patriarcado rural para a pequena família, em que a tradição e até a hereditariedade de família *conservassem* valores que somente ela, elite rural e semi-rural prestigiada e amparada pelo Imperador, *poderia* ter *conservado* no interesse da democracia aristocrática para que o Brasil *estava* predisposto desde os seus começos⁴⁴. [grifos nossos].

A repetição do verbo *poderia*, um futuro do pretérito, destaca o que explicitamos anteriormente. Neste excerto, temos clara a leitura social e cultura de Freyre sobre o Brasil, e com isso, compreendemos por que ele constrói um monarca deslocado da realidade nacional. Para ele, a nossa nobreza estava distante de ser europeia, rústica como ela era. Ele descreve que o monarca *poderia* ter sido paternalista, e colaborado na transição de um patriarcado rural colonial para uma democracia aristocrática, *para que o Brasil estava predisposto desde os seus começos*. O biógrafo olha para o passado, para projetar um presente. Não o período de D. Pedro II e sim, a época colonial. Para ele, é neste momento que há os verdadeiros fundamentos da sociedade brasileira; o protagonista refutou-o, preferiu buscar na vanguarda europeia seu modelo de país, e, com isso, falhou na missão de estadista.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 21.

Para finalizar e confirmar o explicitado na narrativa até esta altura, no excerto abaixo Freyre faz críticas ao “cinzento” Imperador e argumenta a partir de uma leitura do seu presente, sobre esse passado trágico, do Segundo Reinado:

Foi – em desacordo com o meio e as tradições do nosso país – uma figura de burguês liberal *feito* para governar a Suíça; e hoje nos *surge* – nestes dias em que o Brasil *parece* querer gritar para as sombras do seu passado monárquico um “Aqui d’el Rei” angustioso – como uma das figuras mais dramáticas e até trágicas da nossa história. Trágica pelo seu desajustamento ao meio e ao momento. Trágica pelo excessivo espírito de conciliação e pelo pavor à coexistência de antagonismos na política brasileira, que o *amoleceu* no Pedro Banana das caricaturas. O momento *queria-o* mais acre, mais incisivo, mais duro: ele não *fez* caso do momento e *tornou-se* o mártir do seu próprio excesso de liberalismo acadêmico, sem profundas raízes nas condições brasileiras; de pacifismo mórbido, com o sacrifício das divergências – repita-se – saudáveis de que ele *devia* ser o coordenador e nunca o destruidor⁴⁵. [grifos nossos].

A modulação verbal deste trecho confirma o que detectamos ao longo da narrativa: a flexão vai do passado (*foi, feito, amoleceu, queria-o, fez, tornou-se e devia*) para o presente (*surge e parece*). Ao remontar a ações/características do biografado, a modulação é pretérita; ao apresentar perspectivas e/ou premissas do protagonista no presente do narrado, a flexão é presentificada.

Nesta obra não há futuro; quando o há, ele é um futuro do pretérito, o que *poderia* ou *deveria* ter sido; o tempo é bipartite: *passado-presente*. Freyre está mirando sempre para o passado, inclusive, para um período anterior ao do vivido por D. Pedro II. É notório que, para o biógrafo, esse foi um período que pouco trouxera contribuições para a nação; por isso, não há projeções de futuro. Esse é um período que deve permanecer passado.

Neste último fragmento, outra característica que observamos durante a obra é evidenciada: o apelo estético. Ele, como dissemos, realiza a *síntese do heterogêneo* a partir da dimensão estética do personagem. Por suas características aburguesadas, D. Pedro II, para Freyre, estava em “‘desacordo’ com as nossas tradições”; “mais parecia um governante suíço, que um soberano brasileiro”; o biógrafo está relacionando a estética do personagem às suas condições de ser (ou não) um governante nestas terras tropicais. O escritor descreve o Segundo Reinado como um período dramático e trágico, e o motivo para tal cenário é devido ao “desajustamento” do protagonista

⁴⁵ *Ibidem*, p. 23.

Para finalizar, o nome dessa obra é sintomático quanto à configuração da intriga: *Dom Pedro II: Imperador Cinzento de uma Terra de Sol Tropical*. A semântica da frase deixa explícito que, para o biógrafo, há uma dicotomia entre o que foi e representou o protagonista do Segundo Reinado e aquilo que era, de fato, o Brasil à sua época. E, como visível pelo título, Freyre parte da dimensão estética para apresentar o biografado; não para exaltá-lo ou transformá-lo em um herói e exemplo para posteridade; e sim, como um *mártir*, que sacrificou sua vida por um projeto, pelo bem público; contudo, para um público que não existia no país; com isso, seu sacrifício transformou o seu período, o seu reinado, em um drama trágico, que, para Freyre merece ser lembrado justamente para que não possa ser revivido.

Considerações da obra

Como descrevemos acima, essa obra escrita pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre não se trata de uma biografia com o objetivo de narrar sobre a totalidade da vida de D. Pedro II⁴⁶. Esse escrito é um opúsculo sobre a vida do protagonista do Segundo Reinado; e o motivo de sua existência se dá, duplamente, devido a marcos temporais; inicialmente, fora a conferência ministrada pelo biógrafo em comemoração aos 100 anos do Imperador; posteriormente, publicada como livreto, pelo festejo dos 150 anos. Ou seja, o acontecimento neste caso é de suma relevância para a publicação dessa diminuta obra. E por isso, como vimos nos conceitos de Dosse e Ricoeur no começo do texto, o preenchimento da narrativa está relacionada a estas comemorações. Por outro lado, diferentemente do que é apontado, por eles, Freyre pouco caso faz da cronologia e sua principal ferramenta para dar inteligibilidade a sua obra é a estética do narrado.

Apesar do seu tamanho, como vimos, a narrativa de Freyre revela uma perspectiva sobre o biografado, no mínimo, curiosa. Comemora-se a data do nascimento de D. Pedro II, mas, nem por isso, comunicador/escritor se rende a uma leitura elogiosa do personagem; explicitamente, essa obra parte de um descolamento entre a personalidade de D. Pedro II e a cultura nacional; e, por mais que Freyre vislumbre na trajetória do monarca um sacrifício,

⁴⁶ Segundo Maria Lúcia Pallares-Burke, em sua biografia sobre Gilberto Freyre, este tinha uma concepção de biografia que não previra a narrativa sobre a totalidade e a unidade de uma vida, ele seguiu o estilo britânico biográfico, em suas palavras: “o biógrafo ‘romântico’ ou ‘à inglesa’ é aquele a quem não ‘repugna o inacabado, o incorreto, o imperfeito’, pois sabe que a complexidade e a contradição são marcas de humanidade, e que ‘convém não acreditar nunca na existência de homens em que a vida não tenha deixado cicatrizes, deformações, marcas repugnantes ou apenas lamentáveis’”. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. [on line]. São Paulo: Editora UNESP, 2005. pos. 653. Para Gilberto Velho, o sociólogo via nas biografias “focos privilegiados de análise”, o que foi possível verificar tais narrativas no “decorrer de toda sua obra”. VELHO, Gilberto. Trajetória e singularidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*. n.58. set. 2008. p. 16.

uma renúncia de sua infância, juventude e, até mesmo, de sua vida privada, para se dedicar a sua função de Imperador, ele não o toma como um herói ou mito, ele é tão e somente um *mártir*.

Sua presença e o seu reinado devem ser lidos, historicamente, como um momento ímpar, mas não positivo; ao contrário, toda a dedicação do protagonista, todo o seu *suplício*, fora mais para atender os interesses externos, do que para governar o seu país, de acordo com suas necessidades, para Freyre. Há, nesta leitura, uma perspectiva dicotômica: ao mesmo tempo que é inquestionável a figura histórica de D. Pedro II, também o é sua falta de senso de realidade para o país que governou e, com isso, não há legado, sua história não passa de lembranças e festejos como a das que datam seu nascimento, para o biógrafo.

Diante disso, percebemos pelas modulações verbais da narrativa que a temporalidade da obra é dinamizada entre um *passado-presente*; o tempo é bipartite; o tempo do biografado (passado) e o tempo do biógrafo (presente); não há futuro. Não porque essa dimensão temporal não exista, mas porque, esse é um passado acabado, que os acontecimentos festivos podem recuperá-lo, reforçando a importância do acontecimento, principalmente em narrativas biográficas, nas posições de Dosse e Ricoeur.

A obra não possui uma configuração episódica; praticamente toda ela está pautada na dimensão estética; é esta que realiza a *síntese do heterogêneo*; diante disso, além dos verbos que nos demonstram a temporalidade, fora importante visualizar, também, os advérbios e adjetivos. Eles estão em maior escala que os verbos na obra; e são neles que identificamos as *inovações semânticas* que realizam a *síntese do heterogêneo*; basicamente, a palavra *cinza* e suas derivações em advérbios, adjetivos e até mesmo verbo, realizam essa tarefa narrativa. Acinzentado, acinzentar, acinzentamento, cinzento, enfim, vários desdobramentos dessa cor monocromática fizeram com que o biógrafo explicasse, desse vida, às ações do protagonista; ao mesmo tempo, ela é contraposta à multicolor tropicalidade nacional; através dessas argumentações-plásticas, ele apresenta o deslocamento entre personagem e o cenário, reafirmando sua tese de que, apesar do *martírio* de D. Pedro II (e a cor cinza traz dramaticidade para essa perspectiva), ele fora um Imperador trágico diante de uma sociedade espalhafatosamente alegre.

Maria Lúcia Pallares-Burke, em sua biografia sobre Freyre, destaca uma passagem que caracteriza bem a perspectiva do sociólogo sobre D. Pedro II, e, também, sobre a narrativas que existiam, até aquele momento, sobre o personagem:

Freyre se queixou perante seus leitores do *Diário de Pernambuco* da inexistência de uma verdadeira biografia de D. Pedro II. Muito do que existia

eram caricaturas de biografia, ou seja, panegíricos, apologias. Mas, acrescentava o jovem jornalista, “D. Pedro II não necessita da ‘necrofilia’ de ninguém para continuar moralmente grande⁴⁷.”

Percebemos, portanto, a pré-figuração da qual partiu o autor para narrar sobre o ex-imperador. Não desejava contribuir com mais uma apologia a sua figura, e sim, apresentar o que ele enxergava de real e importante no personagem: ser ele moralmente grande. E, de certa forma, é isso que conferimos no texto. D. Pedro II para o sociólogo é um passado, moralmente inquestionável, contudo, desconectado, desconexo com a realidade do país que reinou.

Gilberto Freyre é um personagem muitíssimo conhecido pela academia, contudo, alguns dados são importantes salientar para compreendermos este escrito. Quando realizou essa conferência, em 1925, ele tinha somente 25 anos; ainda não era o autor de clássicos como *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados & Mocambos*; era somente um jornalista do Diário de Pernambuco. Mesmo assim, segundo Nilo Pereira, prefacista da obra publicada em 1975, enaltece o estilo adotado pelo conferencista⁴⁸; para ele, já era possível ver nos artigos de Freyre publicados no jornal seu “arrojo estilístico”; ele vai além, diz que essa “conferência renova os estilos da época” e que fora o pernambucano um “precursor isolado do Modernismo”⁴⁹.

Nilo Pereira ainda nos auxilia a compreender a premissa da qual parte Freyre para biografar D. Pedro II:

Um estudo crítico nunca seria a louvação exaltada do homem sem defeitos, fora do tempo e do espaço, envolto em alguma túnica inconsútil. Essa túnica não envolve D. Pedro II nessa conferência de Gilberto Freyre. Conferência única, até hoje, como celebração de um centenário. E escrita por um jovem de 25 anos, que alcançou na perspectiva da História não um Imperador que tivesse de exaltar, mas um homem que era preciso buscar na infância que não teve, na severidade dos estudos, na atmosfera cinzenta – repita-se – da sua vida e do seu governo, a fazer o eterno rodízio dos Partidos, a exercer o seu Poder Moderador com o lápis que a tradição tornou clássico, e a adorar a sua erudição com o seu hebraico, tão satirizado por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Talvez tenha sido um Imperador europeizado; mas ninguém tão brasileiro e tão ardentemente fiel às formas mais ativas e ao mesmo tempo mais sentimentais de Patriotismo. (...) Governando o Brasil mais com a cartola o que com a coroa e mais como representante da burguesia liberal do século XIX do que de uma dinastia, D. Pedro II realizava aquela “democracia coroada”, da qual, na verdade, podia orgulhar-se. (...) ⁵⁰.

⁴⁷ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *op. cit.* pos. 640.

⁴⁸ Gilberto Velho escreve que foi Freyre “um dos maiores prosadores da língua portuguesa. A sua obra, com a sua dimensão ensaística, é de enorme riqueza literária, destacando-se as suas elegâncias, simplicidade e clareza”. VELHO, Gilberto. *op. cit.* p. 11

⁴⁹ PEREIRA, Nilo. In: FREYRE, Gilberto. *op. cit.* s/n.

⁵⁰ PEREIRA, Nilo. In: FREYRE, Gilberto. *op. cit.* s/n.

Nesse trecho do prefácio, podemos ver que, para Nilo Pereira, esse opúsculo assinado por Freyre buscou um monarca mais humano e menos soberano. É possível detectar, também, a premissa de *mártir*, quando ele menciona a falta de infância, os severos estudos e, repete o biógrafo: uma “atmosfera cinzenta”; contudo, Pereira contraria a narrativa de Freyre duplamente; ele exalta tanto o escritor quanto o biografado. Não há críticas do prefacista, como há na obra. Ele não apresenta a contraposição entre o cinza e o tropical, norte narrativo da conferência. Ou seja, para ele D. Pedro II é um dos homens que pertencem ao panteão da história, por ser um exemplo, diferindo de perspectiva apresentada por Freyre. Mais à frente, quase no final do prefácio, Pereira diz:

O elogio – repita-se – não é apologético. Afinal, é a verdade que surge do fundo dos tempos e caminha, como uma sugestão irresistível, na hora de traçar o retrato perfeito e acabado. Esse retrato está aqui, na conferência de Gilberto Freyre. Ninguém o retocará. Nada há a tirar nem acrescentar: D. Pedro II volta através de um estudo que não dependeu de uma circunstância, mas da interpretação do modelo de Gilberto Freyre teve diante dos olhos e ao qual podia intimar a falar, porque estava diante do seus Moisés⁵¹.

Pereira, neste final, caracteriza a biografia escrita por Freyre como um “elogio”, mas não um panegírico. Ele descreve que não há nada a ser retocado na obra, pois o que fizera o biografado foi “traçar o retrato perfeito e acabado”; e essa perfeição só fora possível, pois ela fora precedida da “verdade”. O prefacista compara essa narrativa biográfica a uma obra de arte; Freyre estivera esculpindo o seu D. Pedro II, ou, como o próprio Pereira diz, fora esse trabalho o “seu Moisés”.

É válido destacar que, para Pereira, além de conter tudo que precisava conter, para narrar sobre a vida do monarca, essa obra possui uma marca: é o estilo de Freyre. Importante salientar que, quando escrevera esse prefácio, Pereira estava diante de um dos mais importantes cientistas sociais do Brasil, à época; já tinha Freyre fama e reconhecimento, nacional e internacional; então, o prefacista se rende, tanto ao biografado, quanto ao biógrafo; ao contrário do que este faz, e o próprio Pereira admite. Tal construção é interessante para concebermos como o autor traz luz e evidência para o manuscrito. Pereira não questiona a falta de fontes e documentações neste estudo; mesmo sem tê-las, ele é fiador da obra e defende, inclusive, que ela não precisa de retoques, pois foi feita à perfeição.

⁵¹ PEREIRA, Nilo. In: FREYRE, Gilberto. *op. cit.* s/n.

Nilo Pereira não nos auxilia na compreensão da temporalidade da obra; contudo, seu testemunho nos ajuda a compreender como, apesar de uma obra crítica a D. Pedro II, ele não demonstra em suas palavras, reticências a trajetória do Imperador, como o faz Freyre. O prefacista colabora, também, para identificar como o monarca é “pintado” como um *mártir*, mesmo nesta obra que o biógrafo se apresenta antagônico a ele. Talvez, o seu martírio, seus sacrifícios, sejam o maior legado que ele deixara para a História, na perspectiva de Freyre.

Precisamos compreender que, para além da subjetividade da escrita de uma biografia, há, também, especificamente nesta obra, um olhar divergente de Freyre para o legado do biografado para a história do país, como perceptível na análise da narrativa. A tentativa do Imperador D. Pedro II em avançar para o futuro, preferencialmente renegando traços do passado brasileiro, pode ser uma das chaves explicativas, para a qual Freyre o vê muito distante da realidade “tropical” do Brasil. José Carlos Reis alega que Freyre recusa esse modelo de uma “marcha civilizatória”, pela qual qualquer país deveria passar para alcançar a glória. O passado, para o pernambucano, é mais importante do que o futuro. Ele, o passado, traz as balizes e a tradição necessária para abrir perspectivas de um futuro:

A obsessão com o progresso e com a chegada acelerada da razão, com a integração do país na marcha da civilização, ele a recusa, substituindo-a pela ênfase na tradição e singularidade brasileiras. O Brasil ganha um passado, se densifica para trás. Freyre não fala quase de futuro; ele fala mais de passado, de identidade brasileira consolidada (...). O Brasil tem um futuro aberto, não há nada que o torne inviável, que o ameace no horizonte – desde que ele seja mais passado do que futuro, mais continuidade do que mudança⁵².

Outra questão que é visível no texto e que, para Freyre, contraria a realidade nacional, é como D. Pedro II seguiu uma moral puritana, enquanto o Brasil tinha como uma tradição cultural, as paixões, que possibilitou a conciliação dos opostos: “o domínio das paixões vai por conseguinte permitir que a afirmação daqueles polos opostos conviva perfeitamente com um grau quase inusitado de proximidade, recobrando de um *ethos* particular a experiência da casa-grande”⁵³.

⁵² REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 81-82.

⁵³ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Chuvas de verão. “Antagonismos em equilíbrio” em *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 204.

Ricardo Benzaquen de Araújo, todavia, apresenta que para Gilberto Freyre, esse equilíbrio dos antagônicos, parece ter ficado no passado, pois o presente dele reservou ao Brasil, transformações que buscaram a adaptação aos conceitos europeus:

Essa experiência [de equilíbrio e conciliação entre os antagonismos], parece estar inteiramente confinada ao passado, superada pelo conjunto de transformações que, desde o início do século XIX, vinculam o Brasil ao processo de civilização dos costumes e à imposição de uma determinada forma de racionalidade característica da modernidade ocidental. Trata-se, como Gilberto comenta em outros dos seus livros dos anos 1930 (...) de uma espécie de reeuropeização do Brasil, ou seja, da rápida e maciça introdução de um imenso e sistemático quadro de referências que, ocupando virtualmente todos os domínios da vida social, mostra-se de todo incapaz de coexistir com as diferenças, com as paixões, enfim, com o colorido típico da nossa herança colonial⁵⁴

É possível perceber, por essas leituras, os motivos que levaram Freyre a narrar D. Pedro II como um cinzento, que buscou acinzentar um país de conotações tropicais. Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, alega que essa busca por um passado, que em seu tempo *já não mais existe*, é reflexo de sua apreciação e valorização dos elementos estéticos e literários do romantismo: “muito apreciava o Romantismo num sentido amplo, e chegou a dizer que ‘romântico’ era um ‘adjetivo caluniado’ e que ele próprio era um ‘neo-romântico’, ‘realista-romântico’, a quem ‘a caracterização pura e simples de ‘romântico’ não me ofende; ao contrário, agrada-me”⁵⁵. Inclusive, segundo a biógrafa, o sociólogo escreveu que “teria sido melhor para o Brasil se ‘D. Pedro II e seus estadistas’ tivessem sido romântico”⁵⁶

Finalizando, percebemos que para Freyre, o cinzento Imperador é um *mártir* pela vida que dedicou a uma causa perdida, ou melhor, uma causa desnecessária, desconectada para com a realidade que vivera. Mesmo partindo da comemoração de uma data, o biógrafo se distancia da cronologia, dos eventos, dos acontecimentos para compor sua intriga, sua narrativa. Pois, para ele, mais do que datar/narrar, o importante é contrapor os valores de outrora no seu presente. Para isso ele usa e abusa dos aspectos estéticos, das adjetivações. Mesmo assim, conseguimos detectar uma construção temporal na obra: é um *passado-passado*, morto, enterrado, mesmo que moralmente grande⁵⁷ e que, vira presente, a partir de júbilos e comemorações favorecidas pela datação da história.

⁵⁴ *Idem.* p. 204.

⁵⁵ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *op. cit.* pos. 554.

⁵⁶ *Idem.* pos. 554-558.

⁵⁷ *Idem.*

Recebido em 29 de maio 2020
Aceito em 20 de junho de 2020